



Guida
Ottolivi

eva

* A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODAS AS REVISTAS FEMININAS PORTUGUESAS *

M ã E S I N H A

Por AURORA JARDIM

Ao morrer-lhe o filho pequenino, ela julgou endoidecer. Meses antes sofrera muito ao ficar viúva, mas agarrara-se ao Reinaldo e o mundo não desabara. Agora, que Deus lhe levara a sua única razão de viver, só se não suicidava porque era crente.

Passaram anos e a chaga não cicatrizava. Fugia das crianças, não podia sentir-lhes o contacto nem a alegria.

Foi na quinta, numa tarde melancólica em que o sol já se afundara nas montanhas, nessa hora dolorosa e pungente do crepúsculo, que o Mário lhe apareceu, trazido por uns vizinhos.

Vinham com êle duas crianças, dois rapazinhos pálidos e quietos, também vestidos de luto.

Foram atraídos para ela, que os não repeliu — como era costume.

Casaram os dois viúvos e os pequenos começaram a chamar mamã à Maria das Dores.

Ela lutou consigo própria para lhes querer e, materialmente, proporcionou-lhes uma existência feliz.

Eram dois pequenos príncipes, bem vestidos, alegres, carregados de brinquedos, com bons mestres e muito conforto. Mas dir-se-ia que patinavam sobre neve — a Maria das Dores dava-lhes apenas a superfície.

O marido entristecia ao ver a falta de calor com que ela tratava os pequenos — perfeita mas sem chama.

Mas desculpava-a, adivinhando a má-gua profunda do seu coração que sempre se conservava fechado sobre a recordação do pequeno morto adorado.

A Maria das Dores sofria mais agora, porque à saúde vinha juntar-se o remorso. Ela bem via que não era para os enteados a mãe que devia ser, passava a vida a fazer comparações e não sentia nenhum prazer com qualquer alegria dos pequenos — antes a dominavam o rancor e a repulsa.

Rezava, confessava-se, arrependia-se.

Mas logo a obsessão voltava: Porque não-de estar aqui estes e não o meu? Porque têm estes tudo o que ao outro pertence?

Tudo, não tinham, os pobrezinhos! Quem se alegrava por o José ver o seu nome escrito no quadro de honra e o Joaquim ter sido nomeado guarda-rêdes lá no Colégio?! Quem lhes proibia de comer tanto «bombon» que pode fazer mal? Quem lhes punha a mão na testa mal se queixavam de dores de garganta? E, à noite, já não havia ninguem (e o Joaquinzinho ainda chorava ao lembrar-se!)

que viesse, pé ante pé, afastar os papões, aconchegar a roupa e dar na testa o beijo imenso da sua ternura!

Naquela luxuosa casa feliz havia quatro pessoas unidas e tão desamparadas!

Foi numa horrível noite de insónia que a Maria das Dores, amarga e cruel, desvairadamente, teve esta idéia: «Ele tem dois filhos. Podia ficar só com um... e e... eu podia ter ainda o meu!».

Depois pediu perdão a Deus, mas tinha a alma esfarrapada.

De manhã, uma criada veio dizer que os meninos haviam passado mal a noite e que parecia terem febre.

Logo o pai se levantou e foi vê-los. Daí a pouco ia para o telefone, chamar o médico.

A Maria das Dores ficara transida de terror!

— Meu Deus! Meu Deus! Que não lhes aconteça nada! Perdoai-me, Senhor!

Quando o marido voltou ao quarto dos pequenos, já ela lá estava, pálida e trémula, a pôr o termómetro, a fazer perguntas, a beijar as mãosinhas escaldantes.

A escarlatina atacou o José e o Joaquim ao mesmo tempo.

A Maria das Dores tratou-os com a febre do remorso, ao princípio, com o pavor da morte, depois. (Cont. pág. 21)

